

CONDENAÇÃO A MADURO

Brasil e Colômbia reagem a ordem de prisão de opositor que torpedeou possibilidade de mediação

JANAINA FIGUEIREDO
E ELLIANE OLIVEIRA
janaina.figueiredo@globo.com
elliane.oliveira@globo.com
BUENOS AIRES E BRASIL

A ordem de prisão emitida pela Justiça venezuelana — a pedido do Ministério Público controlado pelo chavismo — contra o opositor Edmundo González Urrutia, que disputou a eleição presidencial de 28 de julho contra Nicolás Maduro, entendeu de vez a possibilidade de uma eventual mediação dos governos do Brasil e da Colômbia entre a ditadura chavista e a oposição. Fontes do governo Lula admitem que a decisão judicial — que não será questionada pelo Brasil — fechou o que diplomatas gostam de chamar de “janela de oportunidade”, neste caso, para tentar um acordo que possa ajudar a Venezuela a superar a crise política na qual mergulhou após o pleito.

Ontem, Brasília e Bogotá emitiram nota conjunta criticando o governo Maduro e expressando “profunda preocupação” com a ordem de prisão contra González Urrutia, que a oposição diz ter sido o real vencedor das eleições, segundo mais de 80% das atas de votação a que teria tido acesso — o governo se recusou a apresentar essa documentação. Outros países também condenaram Caracas.

“Esta medida judicial afeta gravemente os compromissos assumidos pelo governo venezuelano no âmbito dos Acordos de Barbados, em que governo e oposição realinharam seu compromisso com o fortalecimento da democracia e a promoção de uma cultura de tolerância e convivência. Dificulta, ademais, a busca por solução pacífica, com base no diálogo entre as principais forças políticas venezuelanas”, diz o texto da nota conjunta.

‘ESCALADA AUTORITÁRIA’

A ordem de prisão foi emitida pela Justiça, também controlada pelo chavismo, com base em cinco acusações — usurpação de funções, falsificação de documentos públicos, instigação à desobediência às leis, conspiração, “sabotagem de

danos aos sistemas” (sic) e associação — após o opositor ignorar três intimações em uma semana para depor.

No Palácio do Planalto, fontes do governo Lula não escondem mais sua frustração. A aposta de trazer a Venezuela de volta para o convívio regional, uma das prioridades do governo Lula 3 em matéria de política externa, não deu certo. Os que atuaram nos governos anteriores admitem que “pelo menos [Hugo] Chávez nos ouvia, Maduro não ouve”.

Em entrevista à agência Reuters, o assessor internacional da Presidência da República, Celso Amorim, foi mais incisivo na avaliação da situação no país.

— Não há como negar que há uma escalada autoritária na Venezuela. Não sentimos abertura para um diálogo, há uma reação muito forte a cada comentário — disse ele, tachando de “muito preocupante” a ordem de prisão contra o

opositor. — Seria uma prisão política, e não aceitamos (que haja) presos políticos.

O assessor de Lula acrescentou ainda ter esperança de uma solução política para a crise, mas reconhece que a ordem de prisão põe novas barreiras no caminho.

— Torna tudo ainda mais difícil — disse Amorim.

O diplomata, no entanto, afasta a possibilidade de que o Brasil adotar uma postura mais forte contra Maduro:

— Eu sou do tempo da Bossa Nova. A gente nunca sobe o tom.

‘PULANDO DE CASA EM CASA’

Em suas redes sociais, González Urrutia compartilhou ontem uma publicação da Plataforma Unitária Democrática, na qual a coalizão opositora afirma que o país exige “as atas de votação, e não ordens de prisão”. A postagem foi a primeira manifestação do ex-candidato desde a determinação para que seja preso.

“Os venezuelanos e o mundo olham com indignação para um regime que não foi capaz de publicar no prazo legal previsto nenhuma ata que apoie o fraudulento resultado do CNE, mas que é capaz de criar, em minutos, uma ordem de prisão contra o vencedor da eleição presidencial”, afirma o comunicado.

Em Caracas, há uma igual sensação de que a “janela de oportunidade” se fechou ou está extremamente restrita. Analistas que preferem falar sob anonimato lamentam que “os esforços de Brasil e Colômbia não tenham impedido o recrudescimento da repressão, pelo contrário”. O mandado de prisão contra González Urrutia é, segundo os especialistas, o mais contundente ato de intimidação a dirigentes da oposição. E busca, afirmam, levar o diplomata aposentado a abandonar o país.

A situação da oposição é cada dia mais complicada. González Urrutia está, segundo

seus advogados, “pulando de casa em casa”. Sua esposa está no apartamento do casal, em Caracas, com uma filha (a outra mora na Espanha). A comunicação entre o opositor, a família, amigos e colaboradores é escassa, contou ao GLOBO um desses colaboradores. Segundo ele, “Edmundo está muito preocupado com a família, sobretudo com a esposa. Eles receberam ameaças”.

O método de Maduro é claro: intimidar, gerar medo e, aos poucos, neutralizar a oposição no território nacional. Para Carlos Romero, professor da Universidade Central da Venezuela (UCV), “o governo venezuelano está adotando o modelo da Nicarágua”.

— A comunidade internacional tem um papel a cumprir. O isolamento é o pior que pode nos acontecer, porque isolados a repressão será ainda pior — afirma Romero, que tem uma filha que mora no exterior, mas decidiu ficar na Venezuela. — Vejo muitas pessoas

com medo, mas principalmente tristes. A tristeza se impôs, e estamos cada dia pior. Muitos familiares que moram fora já avisaram que não querem vir ao país. Ninguém se sente seguro.

Sem mediação à vista, o isolamento parece ser, de fato, um cenário impossível de evitar para a Venezuela. Não é algo novo para o país, que desde 2018 enfrenta sanções por parte de EUA, Canadá e países da União Europeia (UE), entre outros. Ontem, os EUA e a UE rejeitaram o mandado de prisão contra González Urrutia, assim como nove países latino-americanos em comunicado conjunto: Argentina, Costa Rica, Equador, Guatemala, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana e Uruguai.

‘O GOVERNO SE FECHOU’

O que Brasil e Colômbia tentaram impedir foi justamente o aprofundamento do isolamento. O cenário mais otimista previa a normalização política, algo que nunca esteve tão distante quanto hoje.

— O governo de Maduro está disposto a escalar a pressão ao máximo. Hoje, o objetivo é que Edmundo saia do país — afirma o analista venezuelano Mariano de Alba, que mora no exterior. — Pensar numa mesa de diálogo hoje é difícil, mas acho que a porta não se fechou totalmente. Em diplomacia os tempos são outros.

A questão, frisa Alba, é que “Maduro não quer negociar, e isso não mudou com o pedido de prisão de Edmundo”.

— O pedido de prisão é uma escalada, mas não altera o contexto geral. O governo se fechou e, por outro lado, as sanções vão se intensificar. Já vimos o que fizeram com o avião de Maduro na República Dominicana — acrescenta o analista, que faz um alerta: — O que mais me preocupa é ver que não apenas a cúpula militar sustenta Maduro. Tem um Estado por trás dele, um judiciário que respalda sua estratégia de asfixia da oposição.

Com agências internacionais



Escondido, o ex-candidato presidencial opositor Edmundo González Urrutia em Caracas em maio: Plataforma Unitária Democrática exige as atas de votação

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo Pagina: 21